

Memória daqueles dias de setembro

Gabriel S. S. Lima Rezende

Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História – ILAACH
Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA

Mesmo antes que a apresentação de Livia Nestrovski e Fred Ferreira encerrasse de maneira exuberante a segunda edição das Jornadas de Investigação em Música Latino-Americana, ressoava na experiência de quem vivenciou aqueles poucos e intensos dias de setembro de 2018 a sensação de que, apesar da modesta estrutura, algo relevante fora realizado.

Do ponto de vista institucional, tal sensação encontra fácil justificativa. O evento fora organizado por um grupo de jovens docentes, cujas trajetórias artísticas e acadêmicas ainda estão em processo de consolidação, ligado ao igualmente imberbe Núcleo de Pesquisa em Música Latino-Americana (NUPEMLA). Tudo isso num curso de bacharelado que contava com pouco mais de cinco anos de existência, sediado numa universidade que apenas lhe dobrava a idade.

Com os modestos recursos advindos de um edital da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, e o ainda mais modesto *know-how* dos que nos propusemos a organizar o evento, dedicamos as reuniões quinzenais do grupo de pesquisa a seu planejamento. Este se fez em torno de uma decisão, a de que o evento teria um tema central. “A canção na América-Latina”, tema abrangente o suficiente para atrair pesquisadoras e pesquisadores das mais diversas áreas do saber, dava conta também de reunir dois dos princípios estruturantes de nossa universidade, a interdisciplinaridade e o latinoamericanismo. Outros dois princípios fundamentais, desta vez do nosso próprio curso de música, balizaram a feição da Jornada: as aproximações da música erudita com a música popular, que incidiram no perfil tanto dos palestrantes convidados quanto das propostas de trabalho que seriam recebidas,

e da teoria com a prática, que fizeram conviver o formato habitual das comunicações e palestras acadêmicas com oficinas práticas de canções, *jam session* e recitais. “Como de praxe” – mas onde esta ainda não se havia estabelecido como rotina –, seguiu-se a essas decisões a escolha dos palestrantes, do formato e da estrutura, a definição do calendário, a divisão e atribuição das tarefas etc. Era a repetição de uma situação já bem conhecida por muitos de nós – um evento acadêmico –, numa posição na qual ainda dávamos nossos primeiros passos, a de organizá-lo. Vem o evento e o cotidiano entra em estado de suspensão: as tarefas, incluindo as mais inusuais, se multiplicam, bem como o interesse e o envolvimento. Assim, em meio ao árduo processo de consolidação e institucionalização de nossa instituição, a Jornada de Setembro contava sobretudo com a disponibilidade de uma sensibilidade ainda não rotinizada para inscrever suas marcas naquela experiência.

Mas não foi somente em nós que o evento causou forte impressão. Para além da empatia com o esforço coletivo que mobilizamos para que o evento fluísse da melhor maneira possível, enfrentando não somente a nossa inexperiência mas também uma paralização semanal que afetou praticamente a totalidade do funcionamento de nossa instituição, certas características da Jornada de 2018 favoreceram um envolvimento mais intenso dos participantes. Sua estrutura modesta, que nos fez evitar atividades simultâneas, permitiu que os participantes estivessem sempre reunidos nos mesmos espaços, de manhã nas comunicações, à tarde nas oficinas e à noite nas palestras. Na *jam session*, esse convívio diário “formal” se expandiu também em convivência musical informal em torno da canção. Então vieram Livia e Fred, e qualquer tendência à dispersão da experiência acumulada ao longo dos quatro dias de Jornada, dispersão esperada pelo cansaço e pelo natural movimento de refluxo da energia singular que brota em dias excepcionais, se converteu em cristalização. E é à memória desses dias de setembro que dedico parte desta introdução.

À sua maneira, o conjunto de trabalhos reunidos neste livro reconstrói parcialmente e formaliza a dimensão acadêmica da Jornada. A conferência de abertura, proferida pelo prof. Achille Picchi, versou, recorrendo à antropologia e à musicologia, e de maneira enciclopédica, sobre a canção erudita em seus aspectos

históricos gerais e em sua realização particular em compositores brasileiros. Intitulado “A canção de câmara: definição do objeto, contexto e estado da arte no Brasil”, o texto oferece uma síntese generosa do conhecimento sobre o tema, realizada por um de seus maiores conhecedores. Em “Critérios de valorização estética da canção popular-comercial brasileira: uma introdução”, Walter Garcia desenvolve o argumento central subjacente às suas análises de “Brasil pandeiro”, na interpretação de João Gilberto, e de “Negro drama”, dos Racionais Mc’s. Trata-se de tomar a crítica da canção popular-comercial como objeto de reflexão e de depurar teoricamente alguns de seus elementos constitutivos tendo como horizonte o ponto nodal em que forma artística e processo social se articulam.

Das sessões de comunicações, os cinco textos aqui publicados evidenciam a pluralidade de temas e abordagens à canção. Em “A cada moda, uma história: as primeiras modas de viola gravadas”, Juliana Pérez González realiza um trabalho minucioso de historiadora, recuperando do esquecimento e da deterioração de documentação histórica relevante sobre a produção da música caipira em São Paulo das primeiras décadas do século XX, e submetendo-a a uma interpretação cuidadosa que articula a produção musical e o conturbado ambiente da política paulistana da década de 1920. Alicia Reyes estuda, em perspectiva antropológica, o lugar das mulheres alabadoras e de suas práticas de resistência no contexto de uma vida comunitária constantemente tensionada pelas disputas entre o Estado colombiano e as FARC. A través de seus cantos, afirma a autora, elas buscam encontrar “una posibilidad para denunciar, resistir y exigir derechos que les han sido vulnerados”, dentre eles o direito essencial de poder enterrar os mortos. Assim, a pergunta que abre o título de seu texto se dirige ao próprio alcance desses atos simbólicos de resistência: será possível “¿Cruzar la frontera cantando?”. Por sua vez, Elisa Lezcano, em “¡Hasta luego Paraguay!: Buenos Aires acogedor de artistas paraguayos exiliados”, acompanhou os movimentos de artistas paraguaios em direção ao exílio impulsionados pelas vicissitudes da política nacional, especialmente durante as ditaduras de Higinio Morínigo (1940-1948) e Alfredo Stroessner (1954-1989). Como o próprio título indica, a autora concentra sua atenção na formação dos centros de cultura paraguaios na capital portenha,

destacando aspectos do ideário de cultura nacional reconstruído no exílio. O exílio em Buenos Aires também é abordado por Patricia Santos em seu estudo sobre o grupo musical Caldo de Cana. Em “Tangos do exílio: uma análise da trajetória do grupo musical Caldo de Cana”, a autora enfoca a produção crítica do grupo desenvolvida a partir da própria experiência precária da vida no exílio. O artigo de Kristoff Silva sistematiza e dá formato acadêmico aos princípios pedagógicos e metodológicos que embasaram a oficina que ministrou durante a Jornada. O autor de “Improvisação vocal com consciência intervalar: uma prática pedagógica baseada em canções populares” conduziu, com notável habilidade e sensibilidade ímpar, processos perceptivos e criativos a partir da canção. Nisso reside a singularidade de sua proposta pedagógica, construída ao longo dos anos a partir de sua experiência como professor de percepção musical e como compositor/pesquisador da canção.

Finalmente, espero que este pequeno mosaico de temas e abordagens sobre a canção na América-Latina consiga despertar o interesse de quem o ler com uma centelha do ânimo com que realizamos a Jornada de 2018.